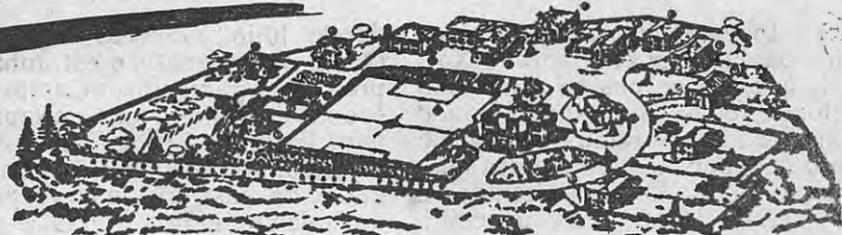




Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES AND X ~ N.º 237 ~ PREÇO 1000

MISSA NAS CATACUMBAS

Apenas tomei conhecimento da presença de Religiosas na Curraleira, como vinha em Aqui Lisboa do número passado, logo formei o propósito de não perder a ocasião, e apresentar-me quando tivesse de ir a Lisboa. Ontem foi o dia. Padre Adriano acompanhou-me. É uma quinta invadida e ocupada por gente pobre. Nada de novo para quem anda afeito. As barracas estendem-se e arrumam-se em sentido paralelo. Há ruas e há travessas. Há a taberna. Os materiais de construção são do melhor em seu género. A julgar por outras cidades, noutros sítios do país, facilmente deduzimos que se trata dos mesmos obreiros levados pela mesma necessidade. A barraca! Padre Adriano, perdeu-se de tantas ruas e tantas barracas! A chuva tinha feito lama. Ele estava enbaraçado por me meter em trabalhos. Pergunta. Era ali perto. Num mesmo lance de casa e sem nada que a distinga, vê-se uma porta com um janelo de vidro como a palma da mão. Por de cima é uma cruz tosca e por de baixo pintaram JESUS AMOR.

O sítio. A hora. O amontoado de tábuas e a vida que ali se leva. A história do homem. Os mistérios da Incarnação e da Redenção. O Mundo actual como nós o conhecemos e sentimos e tememos. Tudo isto invadiu o meu ser, quando dei com os olhos no sinal e nome daquela espantosa pobreza! Batemos. Tornamos a bater. Padre Adriano diz-me que aquela hora devem ter ido as religiosas em procura de missa. Afinal não. Por detrás da vidraça aparece um vulto e logo a porta se abriu. Entra um garoto que por ali passava. Padre Adriano retira-se para celebrar numa igreja e nós ali. Missa nas catacumbas! Tal como então, também ali falta tudo que nas igrejas parece fazer falta. No fim vem o café. É numa tigela de barro. Enquanto o timo vou ouvindo. Uma Irmã está doente no hospital. Outra dá os dias aonde a chamam; é costureira. Outra é numa fábrica de chocolates e esta que me recebeu, olha pelos serviços domésticos. Hoje são 180 delas das quais 80 professoras. As da Curraleira são francesas e suíças. Uma delas é formada em medicina! Não tem missão especial. Não exercem um apostolado. Nem sequer ali visitam pobres. Ela mesmo nos vai dar o espírito da Obra: Comparticipamos na vida de todos, para melhor conhecer e amar.

Eram horas de ir embora. Mas, já agora, quis ver a casa. Ela é tábuas a meias com as outras, que disso me deram testemunho as vozes e ruidos enquanto celebrava. São três as diminutas divisões. O espaço é aproveitado com rara inteligência. Os banquitos feitos por elas, também são armários. O que de dia é tempo de mesa, à noite é janela de pau. Quando dos parentes, a Irmãzinha verga-se até ao chão e notei que o supedâneo do altar é o arcaz! E mais e mais e mais.

A Irmãzinha tinha-me respondido a tudo e eu agora faço mais uma pergunta; se no meio de uma tão desolada pobreza e vizinhança, ela se sente feliz. Não foram as palavras; foram os seus olhos, o seu semblante. Toda a sua inteligência, toda a sua vontade e o coração inteiro. É com isto que se ama a Deus. Foi com isto que ela respondeu. O Sim da cruz! Nos aposentos delas não há leitões.

Se formos a ver, poucos ali os têm e elas são participantes. Sobre uma tábua, há um despertador, que a Irmãzinha me disse não haver despertado naquela manhã, por isso a encontrei em casa.

Tudo isto é natural, mas agora vem o Divino. O toque. A Omnisciência. Ora oiçam e que seji para aumento da fé: de véspera e enquanto subo a um quarto andar, sou perseguido por alguém que me apanha no segundo lance de escadas e pergunta se eu sou o tal. Era um senhor do Norte. Abre a carteira explica-se e eu reparti por aquelas Irmãs de Jesus. Podia ter sido outro. Fui eu. Eu não perguntei, mas é fácil concluir de como as coisas se devem ter passado: uma dificuldade para a qual é preciso dinheiro. Em casa não há que chegue. Os ganhos são poucos. E agora? Muito simples. O relógio não desperta. A Irmãzinha adormece. Eu bato à porta. Eis.

Património dos Pobres

O jornal Novidades informa que o Cardeal de Paris denuncia os males sociais da actualidade e que o único remédio satisfatório é edificar novas casas. Se bem o disse, melhor o fez porquanto, segundo o mesmo diário, formou-se uma sociedade diocesana que anda a levantar 500 moradias para trabalhadores. Na Colúmbia, prossegue o mesmo jornal, o Padre Estanislau Carvajal, já vai em 3.000 delas! Estou contente. Não copiamos, mas acertamos. Estamos a dar no vinte. Vamos ganhar.

Não temos ainda parcelas de terreno na mão, mas esperamos dentro em breve dar notícias de como havemos de erguer no Porto casas do Património, com a ajuda do Porto. Primeiramente a Câmara. Terrenos aqui e ali. Salpicar. Poucas em muitos sítios e no final dá muitas. Segregar não. Juntas. Pobres e ricos fazem farinha desde que ocupe cada um o seu lugar. Enquanto não entramos na capital do Norte, não paramos um instante por esse Portugal além. É turismo, além de mais. Os estrangeiros podem dizer aos da sua terra que os Pobres da nossa, têm formosos abrigos, com flores e horta. Sobre a beleza, a piedade.

MUITO IMPORTANTE

Nós tornamos o Coliseu. Não é representar uma peça de teatro; é, antes apresentar os rapazes em um filme colorido de movimentos e graça. Os seus feitos, as suas falas, suas histórias, suas pessoas. Vai o Cocas, o Pombinha, o Manuel do Embrulho, o Macaco, o Macaquito e o Focinho e muitos mais. É o Sejaquim maior côro. Uma deputação do Tojal, uma de Lisboa, uma de Coimbra e Miranda e S. João da Madeira. Uma representação do Lar do Porto e a enxurrada de Paço de Sousa. No próximo ano, esperam-se deputações de Moçambique e Angola, onde eles já são.

Mal os bilhetes apareçam à venda, os senhores despachem-se mas é, não vá acontecer como o ano passado, que meia casa ficou fora da porta!

No fim temos a capa às portas, estendida no chão e dinheirinho a cair e muita gente a ver e a gostar. São casas do Património dos Pobres.



Aqui, LISBOA!

Tinha deixado qualquer coisa na Curraleira e, ao chegar a Casa, encontrei o troco: eram trezentos para a dita, por alma da Tia Luz. Também prometi às Irmãs, uma casa para um Pobre, se conseguissem terreno, mas ainda não tenho essa Casa. Aguardamos. Mais 440\$ para duas telhas duma casa dos pobres de uma pecadora descrente, cuja única religião é dar esmolas em memória das pessoas queridas que a norte lhe levou. Meu Senhor ou Senhora: se lhe posso dar um conselho, aqui lho deixo: ao contar uma esmola a um irmão pobre, ponha os olhos no chão e o pensamento no azul do céu e diga com o coração—Filho de David, se existes e me vês, fazei que eu veja. Assim rezou o cego Bartimeu, à beira da estrada de Damasco, e... viu!

Cem das sobras dum trabalho por alma dos pais, com um pedido já realizado; 186 da Nestlé; livros escolares de Luanda; 50 para o Barredo. Uma cautela premiada; 40 para a Conferência dos nossos Rapazes. Café torrado e cinco quilos de cevada. Ainda para a pobre Ana de Jesus do Barredo, 20 duma Senhora de Lisboa. Quem já se lembrava desta Pobre do Porto? Pois, em Lisboa, ela não estava esquecida. Por duas vezes esta Senhora nos escreveu para que não houvesse engano. Que descanses, a pobre Ana de Jesus foi contemplada.

Os Padres da Rua não são coveiros; recoveiros, sim. Eis uma prova: contei há tempos a desdita duma infeliz do Lourçal. Pois acabo de receber uma carta de lá, em que se pergunta se esta Pobre é a senhora Rosa Marques. Saibam todos que sim. E saiba também o seu marido que, do Brasil mandou pedir a certidão de óbito da mesma; que ela está viva e na miséria, apesar do amor e fidelidade que lhe prometeu diante do altar de Deus. E saiba ainda que se lhe quiser mandar alguma coisa, a direcção dela, enquanto a polícia lhe permitir estacionar por ali, é esta: Terras do Fernandinho à Cascalheira, Lisboa. Número não tem porque não é possível numerar um monte de palha.

Para distracção dos nossos rapazes vieram mais discos de Lisboa; lenha para o Lar; cadeiros e mais mobílias. Dos Empregados da Vacuum 1.105\$, 1.000 duma Senhora que todos os anos aparece; 500 da Quinta da Abilheira; 1.960 aos vendedores à porta duma igreja, vinte no mesmo sítio e ainda assinaturas e roupas. 50 para o Barredo, por alma de Agostinho e outro tanto por alma do Irmão; 20 do António, Vitor e Isaura que nós aceitamos a rezar. Eles sabem por quê. De uns que têm o que há de melhor no mundo, 60\$. Quem adivinha? Para os Pobres, cem, entregues à mão; 1.010\$ aqui entregues por

cento e cinquenta alunos do 1.º Ano da Escola Técnica Elementar Nuno Gonçalves. Quando os Rapazes do Lar quiserem tirar um curso, já sabem onde há bons mestres. Mais doze pares de calçado novo. Uma fortuna! Quem quiser oferecer coisas úteis à Casa, avie nas lojas cotim, riscado, toalhas, calçado, e mande para cá. Da Conferência Vicentina de Santa Joana 150\$. Livros e revistas, papel velho e muitas miudezas úteis.

Mais o habitual suino gordo lá dos Quintos do Alentejo. E a habitual carrada do Montepio. Mais coisas no Lar e 500\$ e assinaturas.

Finalmente a Primavera com as andorinhas e as nossas laranjeiras em flor e inumeráveis visitantes a gozar do aroma, e dentre eles um General com cartuchos de rebuçados e a notícia de duas Casas do Património.

PADRE ADRIANO

Notícias de África

Da África Ocidental. Só agora tivemos conhecimento que os Administradores da Província Quanza Sul, depositaram no Banco Angola em Novo Redondo 37.300\$00 e mais 2.700\$00, o que tudo somado, perfaz 40 deles. Isto fizeram eles a 25 de Outubro passado e hoje, pelo Banco, chegou-me a notícia. Louvemos o Senhor! Homens de trabalho que todos eles são, entregaram e andaram, sem se lhes dar de loiros ou glórias, bastando-lhes a interior alegria de haver praticado o bem. Tivesse eu tido tempo, que em todas as províncias e cidades e povoações de Angola, teria pregado Jesus fora do sepulcro; e teríamos ocasião de ver com que força não amam a Pátria os que vivem longe dela!



Crónicas de África

De todas as circunscricões por onde passamos a caminho do Xai Xai, que ora se chama Vila João Belo; de todas, digo, aquela aonde mais nos demoramos foi a de Chibuto, por ser ali muito que olhar e ouvir. O Administrador é de Trás-os-Montes, assim como outros, noutras. Disse-nos ele que anda a trabalhar para prender os pretos à terra, fornecendo-lhes alfaias e sementes e comprando a cada um o produto das colheitas. Ele quer que o preto gaste o dinheiro e o feche na sua mão e o leve para sua casa e experimente o seu poder e que veja por si mesmo se não compra mais e melhor ao pé dos seus, do que o faz em Joanesburg. Eu escutava, deleitado. Eu chamo a isto administrar bem. Não há maior riqueza do que o homem, nem maior trabalho do que o feito na sua terra natal, quando ela é muito grande e os braços muito poucos. O êxodo dos nossos pretos para a União Sul Africana, é justamente destas regiões. Nada que suste. Nada que faça diminuir. Eles vão! Não falta quem ponha o dedo na ferida. Quem diga que a sangria enfraquece. Clama-se. Governos e governados concordam. Pois de nada vale. Eles vão! Têm ido. Estão indo. São os campos do Rand. Eles alimentam-se de braços de preto e os nossos é que os dão. O ouro. As minas d'ouro.

A Associação de Trabalho do Rand, é o organismo oficial. Os seus funcionários são homens bem pagos e bem vestidos. As instalações, imponentes. O preto vê, acredita, vai. Vai documentado, protegido, regressa de cara lavada, sim, mas no fim quem ganha?

Oxalá o senhor administrador de Chibuto, seja bem sucedido em seus desejos. Se não pode evitar os da tabela, ao menos diminui os clandestinos. E destarte teremos mais milho, mais trigo, mais feijão, mais gado, mais crianças e mais nome. Oxalá se venha a realizar a boa vontade daquele senhor de Trás-os-Montes.

Já se ia aproximando o fim do nosso tempo em Lourenço Marques. Calçada Bastos, que, além de tudo o mais é também aviador, foi comigo ao escritório da Deta fazer o programa da nossa viagem. Marcamos horas, dias e sítios e eu regresssei ao hotel, aonde encontrei recado para ir amanhã almoçar ao Governo Geral e que levasse o Júlio na minha companhia. Por vir de onde vinha, não se tratava de um convite; era uma ordem e eu assim a tomei.

Meio-dia era o tempo e nós a essa hora estávamos à entrada do jardim da Residência. O Governador Geral da Província, não vive em palácio. Oíço dizer que se vai construir mas por hora é uma Residência. Um soldado preto de baioneta calada, guarda a porta e não nos deixou entrar! O Júlio, admirado de tanta ousadia, adianta-se e toma a palavra: *olhe que nós vamos almoçar com o senhor Governador*. O soldado preto ouviu e não faz caso da pessoa nem do alto fim que ali nos levava. Júlio, cada vez mais espantado, fita-me como quem espera que eu me atire ou se ele, Júlio, se pode atirar. Eu calei-me, conquanto tivesse percebido tudo. Intimamente delirava pela atitude

de do Júlio. O preto é assim... Quem o conhece não estranha. O preto não raciocina. Cumpre as ordens e acabou. Ora eu sabendo isto, dava-me graça a ignorância do Júlio. Nisto aparece acima alguém da casa que nos vê ao pé do soldado e num relance compreende, faz sinal e nós entramos. Passava pouco das doze. Era um salão. Espaço. Luz. Adornos. O senhor Governador, Comandante Gabriel Teixeira, conversa como se há muito fossemos conhecidos. Nada que marque distância. Dir-se-ia que estava recebendo em sua casa alguém de sua casa. A sala de jantar é no mesmo piso, afastada uns metros do sítio aonde estávamos e eis-nos à mesa. Ontem tinha sido ali um banquete, mas nós não fomos às sobras; foi comida nova, muito bem preparada, muito sadia e cheia de apetite.

Era o senhor Governador, sua esposa e dois filhos. E eramos nós ambos. Regressamos ao salão e aí vem o café quente e saboroso, lotado com Inhambane. Não faltaram os licores do estilo. Estávamos no fim. O senhor Governador pôs nos à vontade. O recado estava dado. A mesa estava feita e agora é a companhia que se desfaz. O aperto de mão. O muito obrigado e eis-nos no jardim a caminho da porta. O soldado era o mesmo, de baioneta e apumado. Júlio, que vinha mais quente e mais forte, ao passar por ele larga um *olhe o tipo*; e dali até ao nosso hotel e muitos dias depois, Júlio repetia o caso e dizia que se tivesse ido sozinho, não sabia até onde teria chegado... Era o almocinho. Ele vinha quente e composto e animado. Com a barriga cheia, não há quem não seja valente...!



TRIBUNA DE COIMBRA

Eu havia de ficar calado, mas tenho medo de ser egoísta. Foi hoje a desobriga pascal do Bairro das Latas.

Outra vez as oficinas transformadas em Capela e Jesus Operário realmente ali presente.

Jesus mais uma vez mostrou aos homens que é Salvador de ricos e de pobres; para Ele valem as qualidades morais, a grandeza de alma. Procura juntá-los num braço comum. Rapazes e homens eram para cima de cem que se aproximavam da Sagrada Mesa; mulheres e raparigas eram outras tantas.

Do que aprendi dentro de cada um no acto da Confissão não o posso dizer; mas aprendi, apesar de ser sacerdote.

Bairro das Latas, bairro de miséria, mas também bairro de muitos corações de ouro e almas brancas. Também nos pântanos se criam flores e são as mais preciosas. Anda ali a trabalhar um apóstolo, que é o Padre João; ele apareceu ali de facho aceso e até hoje ainda não o deixou apagar. A Casa do Ardina tem feito muito. Isto só prova de que a maior fome dos nossos tempos é a fome das verdades eternas; as únicas que podem saciar plenamente o homem. É necessário atalhar a raiz do mal. Podemos dar uma casa a cada família, dar-lhe o pão suficiente para cada dia, mas se não lhe dermos o mínimo de formação moral, nada conseguiremos na consecução duma sociedade mais perfeita. Têm-se construído muitos bairros, muitas moradias, que depois têm sido habitadas; mas não se têm construído simultaneamente centros de assistência e casas consagradas a Deus. O homem aperfeiçoa-se somente enquanto se compenetra de que tem um corpo e uma alma e que vive numa sociedade onde todos são irmãos.

No Bairro das Latas tem-se procurado atacar o mal na raiz. Andam já a construir o seu Centro Operário. É uma casa com capela, sala de jogos, sala de assistência médica e salão

«AO SERVIÇO DOS POBRES»

«O Barredo» tem um irmão. Nasceu em Safara, no Baixo-Alentejo, no coração dum Padre que «enlouqueceu» de amor por Cristo crucificado na pesca dos pobres.

Acabei de ler o livro, que se chama como digo em cima—e regalei-me! É bom saber de companheiros em caminhos onde não é temida a concorrência e onde a falta de trabalho não ameaça chegar.

Este «louco», ao tomar conta de uma freguesia paganizada depois de 30 anos sem Pároco, resolveu não fazer orçamento de receitas e viver para Deus, do próprio Deus, no serviço dos pobres. Partiu de nada e tem agora alguma obra feita... e a grande mágoa de ainda não ter mais.

Safara é uma aldeia pobre desse vasto Alentejo onde alguns poucos são muito ricos. Estes, recolhem de lá, mas não moram lá, nem se preocupam grandemente com os problemas de lá. Trigo e cortiça,—eis tudo! Em Safara há muito a quem acudir. Quem ler «Ao Serviço dos Pobres» encontra descrições gêmeas das nossas conhecidas de «O Barredo» e do «Pão dos Pobres». O cenário é outro, sim, mas o drama é igual.

A Casa da Divina Providência é para dar remédio adequado a estes males que a sociedade consente. O nome é expressivo. De facto, a Divina Providência tem feito milagres em favor daquela Casa, que existe dolorosamente, mas existe.

Em Safara há muito a quem acudir e pouco a quem recorrer. Apesar disso o seu Pároco não se queixa, nem cessa de dar graças pela generosidade de alguns, quase sempre pobres e remediados, que tiram à boca o que ela reclama com justiça. Por isto mesmo a Casa existe dolorosamente, mas existe! Este Padre so-nhou num Centro Social eficaz e

não desiste perante as dificuldades enormes que vai encontrando.

«Ao Serviço dos Pobres» conta este sonho e outros sonhos bons que deviam ser realidade. Permite Deus que chegue depressa a sua hora boa. Todos lucraremos nela e não menos aqueles outros «pobres» do vasto Alentejo.

C. G.

MAIS UM

...que vai para a Zambézia, trabalhar ao pé do António Teles e do Amadeu Mendes por conta da Sena Sugar.

Ao falar do senhor Coronel Hornung, os jornais costumam chamar-lhe um amigo de Portugal. Não é favor. O Pai d'Ele começou, o filho continua e um ne-



O Carlos Rebelo Gonçalves que tantas saudades deixou!

to, Major Hornung, já está ao leme—tudo em terra portuguesa, a bem dos portugueses. O Senhor Coronel Hornung, chama sua família e como tal trata os empregados, conhecendo e chamando cada um pelo seu nome. É preciso ir ao Luabo e a Marromeu para ver como são cuidados e defendidos. Tudo é visto e previsto. Andam ali de mãos dadas o material e o espiritual. Só os verdadeiros amigos são capazes de voar assim. O Senhor Max Turnheer, é o homem responsável por uma tamanha eficiência; trinta anos de Zambézia deram-lhe um espantoso prestígio em todas as cidades e vilas da Província. Ninguém que o não conheça. Ninguém que o não estime. Eu vi e ouvi e senti. Todas as classes. Todas as religiões. Todas as cores. Espantoso.

Vai um outro dos nossos entrar nesta Organização. E a seguir mais. Por muitos títulos a nossa obra é grande, ou ela não seja de inspiração de Deus. Por muitos títulos, sim, mas este de se estender pela nossa África é, de todos, o mais original. Sim. Hoje vai um outro. Eu só quero e espero que ele seja humilde. Que aparelhe o burro à vontade do seu senhor, ainda que ele, o senhor, mande colocar a albarda às aves-sas. Que entre dentro de si e reconheça que tanto não merecia e neste pensamento se confunda e dê graças ao nosso Bom Deus. Boa viagem. Boa sorte. Eu torno à Zambézia ver-vos.

de festas. Eles chamam-lhe o nosso centro.

Aquilo custa-lhes. Saem dos seus empregos e vão para ali trabalhar até se ver. Ao Domingo vão para lá cedo até à Missa. Eis a transformação. É sobretudo isto que me dá coragem a trabalhar mais para se construírem ali Casas para Pobres. No sábado quando parti de lá eram onze da noite e o vento soprava frio. Nos meus ouvidos revoava ainda a última estrofe que eles tinham cantado em coro: «De fronte erguida e dando as mãos; alegres, juntos como irmãos. Com Deus, em paz, avante!...»

É calado fiz o meu caminho a pensar que dali iriam para os antros onde vivem, sem lume e sem agasalho. (Eu sei como eles vivem.)

Um grupo de rapazes veio-se-me oferecer para trabalhar generosamente no que fosse preciso, sem mira alguma terrena. Mais grandeza, mais pérolas escondidas!...

Fiquei com mais esperança de remediar problemas. Tão depressa possa, vamos começar ali com as casas. Muitos já marcaram presença. Uma senhora que foi logo ao Lar levar quinhentos; no dia seguinte uma criada de servir que de ver pouco, fica a ver muito com as lágrimas, com cem; vem logo uma figueirense com vinte; daí a dias aparece o senhor do bacalhau das Colónias com mil, agora na procissão da sua terra. Depois cem duma promessa; e a seguir vinte para um grão de areia, dum operário da Covilhã; e passados tempos um grupo de funcionários dos C.T.T. que tiram trezentos de migalhas ao vencimento do mês de Fevereiro.

E muitos estarão à espera de nós começarmos para depois de verem o facho aceso e outros a segui-lo, se incorporarem também com o seu. Deus queira que sim. Tenho esperanças de um dia poderemos mudar o nome ao Bairro das Latas.

E os que nos hão-de suceder não saberão o que aquilo era.

PADRE HORACIO



Não tinha dado as três e eu descia as escadas, tendo começado pelo Arco da Verdade, aonde os degraus terminam. Eles são a passar de cem!

A primeira porta foi o número 20. Um janelo gateiro dá luz ao sótão, aonde habita a senhora Maria do Carmo. Dantes era num portal. Hoje não pode sair e vem tratar dela a mesma vizinha que lá o fazia. No momento em que subo, dei com ela a limpar a doente. Tinha lhe feito a cama e agora ia por um golo de café. Ela tem a sua casa, os seus e é pobre, mas reparte. *Aqui no Barredo são tudo desgraças*, diz a enfermeira, esquecida de si mesma para acudir aos mais desgraçados. A doente perdeu os movimentos; quer estender a mão e não pode. Um ar de ansiedade envolve-lhe o rosto. Despeço-me até muito breve e que se não pudesse, mandaria. Estou a meio das escadas. Em baixo, espera-se que eu passe. Das soleiras levantam-se os atropelados. São anos. São farrapos. Tudo gente que não tem. Nalguns sítios entro Toco os incuráveis com devoção, com ânimo e propósito de consolar. Palavras nem sempre as tenho. Não é a estes nem ali; era a outros, noutros lugares, que eu gostaria de falar... Chego ao fundo; é o patamar derradeiro. Ia dirigido a certo número da Travessa do Barredo. *Uma família composta de 8 pessoas doentes que vivem na mais extrema miséria*, era a carta de ordem que o correio desse dia me trouxera. Bati. Forço e a porta abre-se. Ecuridão. Mau cheiro. É uma loja. Fixo-me e começo a enxergar à luz da porta. Há duas camas e um berço. Sobre uma mesa, restos de comida. Dois bancos e um mocho são a mobília toda. Daí a nada, entra uma mulher ainda nova, lenço encarnado na cabeça e um filho ao colo. Pede desculpa do desalinho. Tinha arrumado ontem a mais velha num asilo. O marido, homem do rio, *anda nas injecções*... Tem ali o mais pequenino e os quatro *andam ao sol*. Isto tudo me conta a mãe, depois de se ter sentado no banco, — tão cansada e tão precisada! Se ela tivesse uma casa, mandar-me-ia sentar primeiro, como ensina a regra. Assim, nem gosto, nem regra, nem nada.

Chama-se Rosa. É de Ovar. Eu aconselho a que regresses à sua terra natal. Que não. *Aqui me casei. Ele trabalha no rio. Aceito a miséria da Ribeira*. O fedor era de mais. Passa ali um cano do Saneamento e este com rotural! Antes de sair e por amor dos cinco filhos, peço à Rosa de Ovar, que, se não para a sua terra, ao menos para uma casa. E deixo-a naquela hora a gemer dificuldades.

Fora da loja é o piso da rua. Andam ali varredores da Câmara. Eu prossigo. Vou agora por sob os Arcos da Ribeira, cheios de pitoresco e de tradição. As casas de pasto seguem-se, algumas, ao que dizem, famosas e procuradas.

Aproxima-se uma mulher e logo a seguir outra. Querem que eu suba. Naquela manhã, um homem do rio ficou debaixo do saco que carregava, sangue pela boca. Elas andavam a procurar *uns tostãozinhos prá cama*. São

cinco mil reis por dia. Enquanto subo, a que primeiro me falou, diz agora que é casada e tem 7 filhos e somos pobres, mas eu também gosto de me encostar a eles e cato e ajudo e reparto. *Aquele catar é heróico!* Estamos em terra de heróis, de mártires e de santos! Ao pé deste havia outro, também por cinco escudos por dia, que os mais pobres arranjam em tostões. Mal saio a porta, é um moço novo que trás o mal no rosto... Dois passos à frente, e vem a irmã daquele que *só quer comer e pede-me que suba*. Eu digo que não e tento deixar-lhe algum dinheiro. Mas ela insiste: *ele quer-lhe falar*. Andava cansadito, mas subi. Afinal não era falar. Era ver-me; *eu quero vê-lo*. Os lábios estão queimados. A testa arde. A respiração é difícil...! Eu curvo-me. Segredo-lhe o Santíssimo Nome de Jesus e assim terminou a viagem daquele dia.

Do verdadeiro sentido

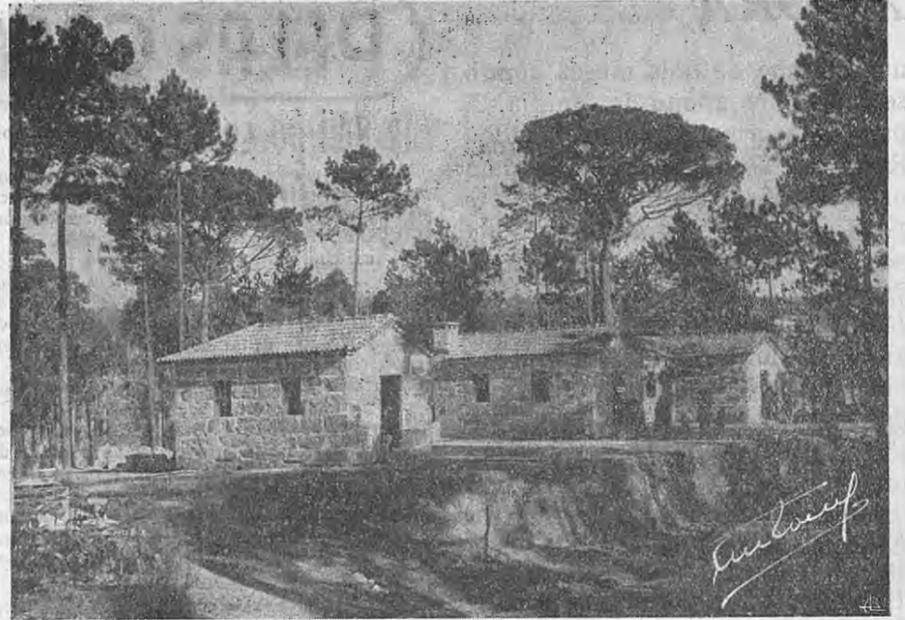
de bem fazer

Como foi prometido em o derradeiro número, capítulo *Sinal de Alarme*, cá estamos a esclarecer. Morto o pai de família, passa a mulher a chamar-se viúva e nós outros com a obrigação de a ajudar, cada um segundo as suas posses; se não géneros, simpatia. É a Lei. Esta de quem vamos falar, ficou com 8 filhos. A casa aonde habitam, é espaçosa. Tem janelas. Se não bem arrumada, também não destoa. Desculpa-se. Ontem tinha sido o enterro. Há uma horta. A fonte é perto. A água é limpa. O ar é puro.

Ali mesmo indagamos. Dos 8, 3 filhos estão na idade e ganham a vida numa arte caseira. É muito pouquinho, mas é em casa. Restam cinco, sendo um ainda de peito. Que vamos fazer a estes? Segundo a maneira antiquada, é o asilo. Temos o asilo e quejandos. Os filhos são subtraídos às unidades do Lar. Este fica naturalmente diminuído e às vezes desfeito. No caso presente, e eles são de todos os dias, em todos os cantos; neste caso, digo, à dor da mãe em ter perdido o seu marido, juntar-se-ia outra maior: a ausência forçada dos seus cinco filhos. Cinco! Isto é tristeza, mas há algo mais triste: é a opinião, o conceito, as vistas do povo, que acha bem. Acha muito bem. Nunca ninguém se lembra de ajudar a família em sua casa, por ser mais fácil e mais bonito o asilo. Ora tudo quanto seja anti-familiar é naturalmente anti-cristão. Mais nada.

Nós estamos todos em boa idade e bom tempo de aprender a recente lição da Rainha Juliana. Não sei se a *Caritas* a tomou. Eu cá sim. Pior do que o rompimento dos diques, seria a separação dos filhos. Antes a morte! Que importam os anéis, se os dedos ficam.

Por caridade, não separemos os filhos dos pais, quando estes são idóneos; e ajudemos o Lar. A mãe faz milagres dentro de sua casa. Elas são mestras de economia. Nas suas mãos, o pouco vai muito longe. Os filhos crescem a chamar pela mãe: *oh minha mãe!* E ela vive para lhes responder. Por aqui é o caminho. Regres-



Os nossos olhos enamorados não se cansam de tanta beleza; e usaremos 'que' o mundo se apaixone.

Agora

Os Funcionários do Ministério das Corporações, falam em dar uma casa e, até, já tenho em meu poder à roda de mil escudos. A casa há de levar seu tempo, pois que as pedras são miudas e algumas, mesmo, de transporte difícil, mas vai-se fazer. Tem graça que foi justamente a este Ministério que dirigi meus passos quando, ainda vacilante, nos resolvemos a construir cem casas. Era a lógica que ali me levava: Corporações, Previdência, Caixas. Acção social. Nomes sonantes e prometedores. Cuidava eu que ia bem. Não me enganei na porta; a porta é que me enganou. Hoje, os Funcionários querem suprir e vão na procissão. Outros que também querem oferecer nas mesmas condições, são os Empregados da Companhia Hidro Eléctrica do Norte de Portugal. Eles assinam-se *Chenop*. É rara a quinzena que se não apresentem: *são as nossas migalhas*. Da América também há quem tenha a paixão de dar e aqui vai alguém com uma pancada de libras em oiro. Mais espaço, que vai passar

semos. Homens de leis. Homens de letras. Pregadores do Evangelho; sobretudo vós. Quando às vezes aparece por aqui uma mãe a procurar seu filho e o toma à parte e o cobre de beijos e me diz *ai quem me deva tê-lo*, eu também choro por ela não ter o seu amor em sua casa. E devia. E nós devíamos todos trabalhar para que assim fosse. Mas não. Usurpamos por *caridade*.

Passando agora mesmo a vista pelos nossos apontamentos, são já consideráveis as famílias que socorremos em suas casas, quando vem a orfandade: e ora é mais uma. Recorrer a quem neste caso? a ninguém. Preferimos amar. Amar com perseverança. Ir até ao fim. Aquela *Viúva da Nota da Quinzena* que aqui trouxemos há mais de um ano, continua a receber todos os meses, religiosamente e anonimamente, 50\$. É do Porto. A mesma soma. A mesma constância. Como Deus não há-de amar quem assim ama? Pois bem. No caso presente são cinco filhos. Precisamos de quem nos ajude com 50\$ por mês e por filho e por um ano. Todo junto não. É mais cansa e maior sacrifício fazê-lo em prestações. Como não há-de Deus amar quem assim ama? E aqui temos o verdadeiro sentido do bem fazer.

a *Maria da Beira*. Ela atranca. Vai pesada. Leva 10 d'eles os quais, juntos a dois que antes enviara, perfaz a dúzia para uma casa. Deseja a *Maria da Beira* que esta seja levantada em Azambuja. Deve ter lido as queixas do seu pároco, sentiu-se tocada e o mais é obra da Graça. Que se regozije o pároco daquela terra e que ande prá frente. Nós cá temos a dúzia à espera da chamada. Tanto faz aqui, como na Azambuja, como no Egipto. No Reino de Deus não há passaportes, nem bilhetes, nem verificações. É tudo livre trânsito.

Imediatamente a seguir à *Maria da Beira*, vai a Beira. A Câmara Municipal da Beira. Ela inseriu no orçamento de 1953 uma casa para o *Património dos Pobres*. Consta dos livros. Foi objecto de uma reunião dos seus Vereadores. Falou-se. Não há medo nem repugnância de nomear pobres e existe, ao contrário, o reconhecimento e vontade de os aliviar. Todos os anos a Câmara da Beira manda fazer em Portugal uma formosa vivenda para os Pobres. Assim o disse o seu Presidente, quando por ali passei e já começou a cumprir. Por isto se conhece que ele é português; que os Vereadores são portugueses.

Entra agora uma *Mãe* que deixou em casa os seus filhos e os netos e leva mil escudos fechados na mão. Atrás segue alguém com uma janela de 100\$. De Lisboa enfileira uma Universitária a quem o Pai dá 50\$ por mês para livros e ela, em vez de ir às livrarias, mete-se aqui na procissão! Mais declara que anda a ver se arranja uma casa. Alto lá com ela! Ora agora os senhores dêem lugar a este que vai com 1 000\$.

«É sermões vivos que temos de ouvir. É preciso que nos peçam, mas que nos convençam. Todos damos para as Casas dos Pobres, porque elas aí estão, testemunhas indimentáveis da sua obra. Mas Lisboa tem que ser conquistada, porque está ainda muito surda.

Não assino, pois se não sei para que pobre dou, também ele não saberá de quem recebeu.

Só Deus sabe quem dá e quem recebe».

Logo a seguir vai um nome muito grande, com quinhentos escudos na mão; é o Banco de Portugal. *Lisboa está ainda muito surda*. Ao lado

(Continua na página seguinte)

AGORA CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR

um filhinho de dois meses com o seu primeiro abono de família. A par desta criança, vai o Amadeu Ramos de Newark, América, com um quilo de pregos de 10 dolares para essa sublime Epopeia como nunca foi cantado em Portugal que se chama Património dos Pobres. Também vai outro nome grande, que me mandou ir receber vinte e cinco escudos contra recibo, mas eu cá não fui por vergonha; é o Banco de Angola. Segue uma professora com 100\$ do seu primeiro ordenado. Vai alguém de Lisboa com 70\$ do seu primeiro abono de família. Vai um de Tomar com um dia do seu primeiro ordenado; e diz assim:

«Tenho pena que haja tanta gente ainda, que embora admirando não auxilia a Vossa Obra. São como aqueles que vêm alguém cair a seu lado e se deixam ficar impávidos, embora achem admirável que vá outro ajudar o «pobre» a levantar-se.»

De Montemor o-Novo vai o João de Deus com uma quantia de dinheiro para pagar o jornal de pedreiros no dia de S. João de Deus. Tudo isto são dedicatórias. E' a Epopeia dos nossos tempos, como diz aquele português residente na América. Rio Tinto vai com 100\$. A Maria Marques digo que sim. Uma Tomarense leva um prego de 20\$. Malaga apresenta-se com 100\$ e os Açores com metade. Vila Moreira vai com 200\$. O Porto com outro tanto. Mouriscas leva só 20\$. E o P.º António Joaquim de Almeida de S. Paulo de Frades, que é fora de Coimbra, está-me aqui a dizer que na sua freguesia tem uma família de dez membros numa barraca, onde dormem à mistura um cão, um porco e uma cabra. Eu não acreditaria neste mal se não conhecesse coisa pior!

São muito horas de recolher, sim, mas acabam agora mesmo de chegar os Importadores de Carvão do Porto e querem ir; vão com uma casa. É o Porto. O Porto vai encher as medidas, quando a sua população começa a ver com seus olhos e sentir com seu coração. Quantas delas não vamos nós ali erguer,—quantas!

Já agora, demos lugar a mais um senhor que reside algures, no Brasil, e veio aqui a Paço de Sousa e deixou quinze mil cruzeiros. Se não chegar peça mais, é o que vai na bandeira.

Por último, não podemos deixar em terra os Rotários de Lisboa. Eles vão com duas casas! Mas ele há mais. Vem lá um resto que não quer ficar de fora e é gente de longe. São os habitantes de Inharrime. Inharrime é perto de Inhambane, na África Oriental. Pois eles, que já tinham dado a sua, vão agora com mais 4 contos para mobílias e roupas! E recolhe a precissão.

UM LIVRO EXTRAORDINÁRIO QUE DEVEM ADQUIRIR

«O BARREDO»

Pedidos à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
Paço de Sousa

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO Em virtude do nosso cronista Carlos Manuel Trindade estar ausente por motivo de se ter empregado venho eu preencher a difícil mas agradável tarefa de cronista. Atenção portanto, porque elas vão quentinhas e boas.

Como tinha sido anunciado que a nossa cozinha ia começar a funcionar, porém, já funcionava. Foi no Domingo de manhã, que o Senhor Padre Horácio foi conosco inaugurar a nova cozinha. Depois deitaram-se foguetes até o Bernardo vir à cesta, e o rancho foi melhorado.

Durante esse dia às refeições comemos na cozinha e à noite houve arroz doce.

Resta dizer que assim como a cozinha foi também inaugurada a copa cujas pias são de pedra mármore e todos os visitantes que ali entram ficam boque abertos e quase que cobicam a dita cozinha. Em breve inauguram-se os nossos balneários ficando ainda por acabar o refeitório, o segundo andar e as restantes divisões que também vão em bom andamento.

—No dia 22 do mês passado tivemos a visita simpática dos rapazes da J.E.C., J.O.C., J.U.C., e o C.A.D.C. a qual decorreu com interesse, entusiasmo, alegria e aprumo. Chegaram pelas 9,30 acompanhados do Rev.º Sr. P.º Póvoas assistindo à missa às dez e cantada, depois desta houve bola para treino e à tarde efectuou-se o encontro amigável saindo vencedores os Gaiatos por 6-0. O jogo decorreu sem entusiasmos porque o que eles queriam era que nós ganhássemos e assim aconteceu. Depois houve benção e as orações j.ísticas. Em seguida fomos todos visitar as Casas dos Pobres nas Fontainhas, seguindo para a estação terminando a saudosa e simpática visita.

—Caros leitores como sabeis que me encontro neste posto necessito de uma caneta e por meio deste nosso jornal venho rogá-la aos estimados leitores este favor, o que desde já fico muito grato correspondendo com um muito obrigado.

—Amigos leitores como sabeis que a Páscoa está próxima, os nossos rapazes pediam-vos se nos mandassem amêndoas porque nós não temos nem uma porque andamos numa grandiosa obra e o dinheiro é pouco e o Sr. Padre H. rácio não as pode comprar, e se não forem os amigos leitores nós passamos a Páscoa sem chupar nenhuma. No ano passado foi o Sr. Padre Horácio que as comprou mas devido a este ano as não poder comprar esperamos a vossa ajuda.

António Jorge Gonçalves

PAÇO DE SOUSA Caros amigos estamos quase na Páscoa. Eu falo na Páscoa, porque é das maiores festas que a igreja celebra, e é tempo de sacrifícios e de orações.

Lembramos também aos senhores que não se esqueçam das amêndoas de que tanto gostamos, da nossa Conferência e do Património dos Pobres, a revelação da política nova, que dá aos pobres aquilo a que têm direito!

—O Manuel Henrique, o nosso melhor vendedor do Famoso fez anos no dia 16 do corrente mês. Os fregueses dele deram-lhe muitas prendas e nesse dia andou de costas ao alto!

—O Sporting Club da Topografia é ultimamente tem feito uns bons desportos de futebol em que tem posto à prova todo o seu saber e experiência.

Os nossos melhores jogadores têm sido: Malalaia, C. Pereira, Domingos Anjos e A. Azevedo.

—Estiveram na nossa aldeia os ciclistas do Futebol Club do Porto que andam em treinos, onde se destacavam os irmãos Luciano de Sá e Moreira de Sá. Os que os acompanharam foram logo saudá-los.

Se fosse o Sporting então é que era!

—O Augusto agora anda a treinar-se na cozinha do forno para substituir o nosso Joaquim Pereira que vai para a tropa.

—Temos mais uma linda ninhada de pintalhos. É um regalo vê-los com sua mãe passeando na verde erva dos nossos campos.

De tão bonitos que são que até os nossos cães andam com eles a brincar. Outro dia um pintalho viu-se aflito porque o cão já estava a ganhar confiança de mais e queria degolá-lo.

—O Abel Augusto é um grande animador da filatelia na nossa aldeia. Já tem uma colecção muito boa, mas ainda faltam muitos selos para ele atingir o auge.

Apela para todos os seus amigos que tenham alguns selos a mais e que lhes não falta.

Daniel Borges da Silva

LAR DO PORTO (PEQUENOS)—Aos 4 de Março de 1953, reunimos a Conferência de S. Vicente de Paulo (S. Francisco de Assis) do Lar do Gaiato do Porto com a assistência de todos os confrades, o assistente e presidente.

Em primeiro lugar rezamos as orações habituais pelo livro Manual da Sociedade de S. Vicente de Paulo e em seguida foi lida a leitura

espiritual pelo livro «Confessai-vos bem», tendo depois o secretário lido a acta a qual foi aprovada pelos confrades.

Por fim o presidente interrogou todos os confrades sobre a visita aos Pobres, o Récio começou por dizer que a sua pobre estava a jantar e depois de conversar um pouco entregou-lhe a esmola e despediu-se até à próxima visita.

—O Fernando Miranda disse que a sua pobre informou que recebeu a visita do seu marido tendo-lhe apresentado, dizendo que o deixaram vir do Sanatório visitar uma Senhora e que passou pela sua casa.

—O Joaquim Correia informou que a sua pobre ficou muito contente com a máquina que ele levou, o mesmo pediu-lhe o recibo do mês passado para lhe pagarmos a renda da casa.

—O Norberto disse que a sua pobre estava a fazer o comer e o seu filho estava para a missa e o seu marido estava na cama, tendo o confrade entregue 50\$00 para pagar a renda da casa ficando eles todos contentes.

—O Fernando Guedes informou que a sua pobre estava a chegar do Hospital e já se encontrava um pouco melhor, o seu sobrinho estava muito triste por não ter que fazer e nós resolvemos escrever ao Sr. Presidente da Câmara do Porto para ver se nos conseguia arranjar um lugar para qualquer serviço.

—No mês de Fevereiro gastamos em géneros para os pobres 120\$00.

—Um serralheiro veio bater à nossa porta para oferecer meia lib a à nossa conferência dizendo que essa libra já a tinha há muito tempo e que lhe fazia muita falta mas que sabia que há pobres que precisavam mais do que ele. Ora aqui está um exemplo à vista para todos.

—Admitimos mais uma pobre para a nossa Conferência que é Maria de Jesus de 73 anos de idade e não tem ninguém de família e nós andamos a trabalhar para a internarmos.

Fernando Guedes

A Venda do Jornal

Continuo e continuarei por intermédio desta minha cónica a narrar os mais importantes episódios da venda.

Desde que a venda do «Famoso» se prosperou, tem progredido com bastante entusiasmo. Banana, Jovelino, Papagaio e por último Tomar, têm progredido bem. Oxalá que eles não se estraguem.

Abel, antigo az da venda, já mais será esquecido por todos os seus fregueses do Porto, etc.. Foi este o único vendedor que de facto mereceu esta referência. Houve outros factos idênticos, mas como ele não. Encontro-me eu no seu lugar com a Camisola Amarela. Sonhei que havia de chegar a este ponto e cheguei. Lutando-se, tudo se consegue.

Na cidade do Porto continuou-se a vender regular, principalmente nos nossos fregueses do costume. Felizmente temos muitos amigos do célebre jornal «O Gaiato». O Banco Espírito Santo, Companhia dos Telefones, Correios, E assim sucessivamente.

Resta-me dizer ainda que este cronista Manuel Henrique (Hélio) completou 16 Primaveras, feitas em 16 de Março do ano corrente. Se algum dos meus admiradores me deseja contemplar com algum objecto, desde já agradeço esse tão amável favor.

Quanto a Viana e Guimarães, não se descreve o bem feito aos vendedores do «Famoso». Comemos nas habituais casas do costume. Os vicentinos de Viana do Castelo continuam a fazer uma grande obra de Caridade. Fazer Casas para Pobres. Estes é que praticam uma boa obra ensinada por o nosso bom Deus. Eu quero fazer neste número de «O Gaiato», sobre a Caridade. «A Caridade é paciente, benigna, não é ambiciosa, não procura o próprio interesse, não se irrita, não julga mal de ninguém, não se alegra com as injustiças; antes, regozija-se com a verdade, sofre tudo, acredita em tudo, tudo espera, tudo suporta. A Caridade nunca perecerá, ainda que não houvesse mais profecias, ainda que as línguas acabassem, ainda que a ciência desaparecesse; pois estes dons de ciência e de profecia são incompletos».

Se todos soubessem acatar estes conselhos de nós, servos das ruas, quantas e quantas vezes nós por essas terras inhóspitas scriamos tantas coisas que agora sentimos a recompensa, vimos para a Casa do Gaiato. E está tudo dito. Nós não andamos a enganar ninguém, temos a Obra à vista para quem quiser visitar.

MANUEL HENRIQUE

UM CASO

Continuando o caso doloroso da quinzena passada, hoje com melhores notícias, queremos dizer aos nossos leitores como as coisas se passaram. A criança vinha sofrendo há dois anos. A Câmara não atendia sem um diagnóstico. Os médicos não o faziam por falta de elementos. Os pais não os procuravam por falta de meios. Resultado? Deixar morrer. Mais nada. Hoje, porém, no hospital Maria Pia, a condenada salvou-se. Uma equipa dos melhores médicos interessam-se. Requerem a presença dos pais para ter informações. *Lupus* é o mal que lhe vinha roendo o nariz e os lábios e o mais. E' um caso de estudo a bem da humanidade. Se das ruínas materiais se erguem coisas espantosas, que dizer das humanas?! Quanto bem? A doente, a família, os vizinhos, a ciência, o conhecimento d'esta notícia—tudo!

Ele não era preciso ter deixado uma criança ter sofrido tanto e por tão dilatado espaço, quando tudo se deveria ter feito no princípio como ora se praticou—não era. Quem repõe? Quem restitui? Eis a denúncia. Eis a incompetência dos homens e dos tempos. A doente acusa-nos.

O cristianismo não envelhece. Jesus Cristo é hoje. Dois mil anos são como um dia. Se ora não vemos e não tocamos e não sentimos nem adoramos quais os do Seu tempo, que sorte esperamos? Como e qual a porta do Reino? Se nós mesmos a fechamos, quem no-la abre?!

A venda em Águeda

Desta vez já vendi 100, mas muito à rasca. Fui comer a casa do sr. dr. Jorge Canosa. Estes senhores receberam-me muito bem e disseram que me iam dar um casal de garnizes que eu ficarei muito contente. O resto já toda a gente sabe como é que me tratam em Águeda. E damos agora um salto à Beira Alta. Já fui a Viseu 3 vezes; da primeira vez vendi 163, da segunda 114 e da terceira 155.

Eu saio de S. João da Madeira às 18,45, para lá chegar às 21 horas. Vou dormir ao restaurante Bocage e é o sr. Engenheiro Beirão quem me paga a dormida e o pequeno almoço. Ao jantar vou a casa do sr. Comandante da Legião Portuguesa que também é muito meu amigo. Eu lá ainda não conheço outra casa onde comer e por isso a ele lhe devo tudo, porque senão o meu estômago andava a par com o relógio; isto é, andava a dar horas. Mas agora, nessa linda e encantadora cidade de Viseu, ainda só encontrei uma pessoa que me recebeu mal. Foi o chefe dos porteiros do Estádio de Fontelo. Cheguei lá e ele nem sequer me deixou falar. Mas depois lá chegou um outro senhor que lhe disse: deixe lá entrar o rapaz e foi então quando ele disse entra, mas nunca mais cá voltas. Jogava o Académico local, com o Naval 1.º de Maio. Eu levava 10 jornais do Famoso e sabem os leitores? Meti 10 golos enquanto o Académico só meteu um por intermédio de Póvoas. Do resto não tenho nada a dizer. Espero unicamente que a venda corra sempre bem. É também de admirar como os padres me têm recebido.

Toda a gente de Águeda que ainda não deu o nome para a excursão que vai a Paço de Sousa, era bom que dessem, para que fosse uma linda caravana. Amigos leitores, não se esqueçam dos selos e do «album» para o Manuel Figueiredo - Lar do Gaiato - S. João da Madeira.

MANUEL FIGUEIREDO (Risonho)

PROPAGAI

«O Gaiato»